

# ...às colheres...

Era tarde quente de verão. Havia chovido. No ar um cheirinho a mentol, de uns quantos novos eucaliptos, à mistura com o aroma de umas quantas bostas de gado vacum, fazia-se sentir naquela que seria a grande *auto-estrada*, Estarreja – Pardilhó.

A azáfama era grande, homens, mulheres, carros de vacas e estas, num vai e vem frenético, descarregando, ora cascalho, ora saibro para consolidar e dar corpo à nova estrada que iria ligar as duas localidades do Concelho.

Já que recuámos no tempo, ali um pouco mais à frente no final da Póvoa de Cima, início da sinistra Gândara de Pardilhó; local onde se registaram, alguns crimes, esperas, acidentes e outros eventos a calado da noite; como por exemplo, assaltos com as respectivas consequências.

Também, se passeou de bicicleta, a pé, montado de boleia na galera do Tio João Bonito, ou montado em cima do macho ou do jumento.

Lembro que demandávamos para aquela local, nas férias grandes de verão, normalmente durante o dia, e fora dos dias de mercado em Estarreja ou dia das feiras de St<sup>o</sup> Amaro. Sim porque era certo e sabido, ou acabava com a saída dos bombeiros ou da GNR.

Sim, porque era certo e sabido, que alguém ficava sem a carteira e do apuro da venda do gado, que culminava com a intervenção da ambulância *Studbaker* dos Bombeiros, com o Zé Nordeste e os Tarrincas; e, com as bicicletas com as espingardas *Mauser*, dos guardas da GNR, Monteiro e Teixeira.

Portanto, aventurarmo-nos a fazer uma caminhada, durante a noite pelo meio do pinhal, até Pardilhó, só em grupo; e mesmo assim, vai não nos livrávamos de levar um carga de porrada...

É um facto que algo nos impelia para aquele lugar; muito em especial nas noites de sábado, para irmos ao baile namorar; o que nem sempre era bem aceite, pela rapaziada daqueles sítios.

Também era um facto que mais tarde - já com a estrada feita - corríamos grandes ricos naquelas deslocações, pois em noites de grande nevoeiro, era preciso caminhar à frente da carrinha do Orlando Bote, onde ia o resto da rapaziada, a marcar a berma da estrada para não sairmos dela.

Por isto tudo; e não só, estamos a ver a importância de que se revestia, aquela benfeitoria, de pavimentar e alcatroar, aquela via de comunicação.

Também porque a mesma, era o caminho do grande e saudosa figura do nosso Concelho; Dr. Jaime Ferreira da Silva, nosso digníssimo médico e família; Presidente da Câmara de Estarreja e mais tarde Governador Civil de Aveiro.

Muitos de nós lembramos da vida e obra do Dr., Jaime Ferreira da Silva, que um incidente trágico no Monte Branco praia da Torreira, lhe haveria ceifar a vida.

E a nossa história começa aqui.

Como ia dizendo os carros de vacas iam e vinham, descarregavam o cascalho, que homens e mulheres à mistura distribuíam, e nivelavam com ancinhos, logo batidos pelos maços de madeira de modo a compactar as pedras; para de seguida, serem cobertas, regadas e batidas novamente. O saibro juntava-se-lhes, nivelava-se com os rodos, e o “batuque” dos maços logo de seguida.

A obra era seguida de perto, pelo Presidente da Câmara Dr. Jaime Ferreira da Silva; que por ali passava todos os dias, a Caminho da Câmara Municipal, ou do então Centro de Saúde.

Todos os dias durante todo o tempo que durou a obra de construção da estrada; o nosso saudoso Presidente de Câmara, controlava, inquiria, resolvia dificuldades de logística; e dava – em economia de escala – umas quantas consultas médicas, a trabalhadores, e carreteiros e alguns marinhões, que por ali passavam a caminho da apanha das pinhas.

A estrada lá se foi fazendo; e com ela, se repetia o cenário do quotidiano do nosso Presidente,

Numa dessas tardes depois de regresso do almoço; vindo de Pardilhó, e estando o Dr. Jaime Ferreira da Silva, a receber do capataz da obra, uma relação dos carros de areia descarregados durante a semana; é este interrompido por um dos carreteiros, para que o Dr. Jaime ali mesmo o observe de uma maleita antiga.

Óh homem do caraças. Diz o Dr. Jaime. Então você não vê que estou a conferir as carradas de areia?

Mas ó sr. Doutor. Eu não tenho tempo de ir ao seu consultório; sabe o que é, eu moro no Barreiro-de-além, e o sr. Doutor sabe como é a vida de lavrador?

Não dá jeito nenhum. Vá lá mostre cá.

Ora o Dr. Jaime, que nunca sabia dizer não, lá interrompeu a conferência; e li mesmo, mandou o homem abrir a boca, espreitou lá para dentro, e vai de receitar, recomendando que fosse à farmácia ao Senhor Ribeirinho aviar.

nosso homem desfez-se em agradecimentos, guardou a receita no bolso do velho colete, pois seria sua intenção de passar pela farmácia para aviar a receita, no regresso a casa no final do dia.

Assim pensado assim feito.

Entregou a receita ao farmacêutico sr. Ribeirinho; este desdobrou-a, leu-a. Parou, olhou para o homem. Coçou a cabeça, voltou-se para este e disse-lhe:

- óh homem de Deus. Você nunca mais vai acabar de tomar isto!

Mas oh sr Ribeirinho. Porque é que está a dizer isso? O remédio é assim tão mau de tomar?

**Não, mas o senhor Dr. receitou-lhe para tomar às colheres, um carro de areia...**

E foi assim, esta pequena história que me contaram quando estudava, com o filho deste Ilustre personagem da nossa terra, Sr. Doutor Jaime Ferreira da Silva.

**Albano Nunes**